

## Ritos de instituição do Science Vlogs Brasil

### *Institutional rites of Science Vlogs Brasil*

Ana Beatriz TUMA<sup>1</sup>

#### Resumo

Este artigo objetiva investigar como são as narrativas audiovisuais dos ritos de instituição do Science Vlogs Brasil (SVBR), iniciativa que reúne, majoritariamente, canais de divulgação científica (DC) que já existem no YouTube e dá a eles um selo de qualidade. Para tanto, são analisados três vídeos que tratam sobre o lançamento do SVBR em março de 2016. É utilizada a análise verbal e não verbal das narrativas audiovisuais. Tem-se como resultados, entre outros, que os ritos de instituição do SVBR são realizados por pessoas autorizadas a fazê-los, ou seja, os(as) divulgadores(as) científicos que fazem parte dele em um tipo de conversa informal com os(as) internautas.

**Palavras-chave:** Narrativas audiovisuais. Ritos de instituição. Science Vlogs Brasil.

#### Abstract

This article aims to investigate how the audiovisual narratives of the rites of institution of Science Vlogs Brasil (SVBR), an initiative that brings together, mostly, science communication (SC) channels that already exist on YouTube and gives them a seal of quality. To this end, three videos that deal with the launch of SVBR in March 2016 are analyzed. Verbal and non-verbal analysis of the audiovisual narratives is used. One has as results, among others, that the rites of institution of SVBR are performed by people authorized to do them, that is, the scientific promoters who are part of it in a kind of informal conversation with Internet users.

**Keywords:** Audiovisual narratives. Institutional rites. Science Vlogs Brasil.

#### Introdução

Se existe um lugar no qual se pode supor que os agentes agem conforme intenções calculadas e conscientes, conforme métodos e programas elaborados conscientemente, este local é o campo científico (BOURDIEU, 2004b). Segundo Bourdieu (2004a), esse

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA/USP), como Bolsista CAPES.  
E-mail: anabeatriztuma@gmail.com

campo é especificado por aquilo sobre o que os concorrentes (outros membros do campo) estão de acordo a respeito dos princípios de verificação da conformidade ao “real”, acerca dos métodos comuns de validação de hipóteses e de teses, logo, sobre o tácito contrato, inseparavelmente cognitivo e político, que funda e rege o trabalho de objetivação<sup>2</sup>.

Pode-se afirmar que, neste campo, estão contidos, entre outros, ritos e rituais<sup>3</sup>. Como afirma Segalen (2005), o rito ou o ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito se caracteriza por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de comportamento e de linguagem específicos e por alguns sinais emblemáticos, cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo.

Dentre os ritos, há os de instituição, conceito bourdieusiano que tanto institui quanto marca a passagem. Para existir, ele necessita de uma instância de legitimação (a Igreja, o Estado ou um representante laico do poder aludido à manifestação), porque não pode se autoadministrar (SEGALEN, 2005).

Uma das instâncias recentes de legitimação no campo científico é a iniciativa Science Vlogs Brasil (SVBR)<sup>4</sup>, surgida em março de 2016, que reúne, majoritariamente, canais de divulgação científica (DC) que já existem no YouTube e dá a eles um selo de qualidade.

Posto isso, este artigo objetiva investigar como são as narrativas audiovisuais dos ritos de instituição do Science Vlogs Brasil. Para tanto, são analisados verbal e não verbalmente três vídeos que tratam sobre o lançamento do SVBR em março de 2016. Antes, contudo, são exploradas as noções de ritos, rituais, divulgação científica e vlog, além de ser realizada uma explicação detalhada sobre a metodologia que é empregada nesta pesquisa.

---

<sup>2</sup> De acordo com Lago (2015), tal trabalho implica um rompimento com tudo o que é preconceção, o que diz respeito a abdicar dos sistemas de classificação que se tem em nome da construção de outros na relação com o objeto.

<sup>3</sup> Apesar de se reconhecer, neste artigo, que haja proximidade entre as noções de *habitus* científico e ritos e rituais da ciência, optou-se por trabalhar somente estes últimos. O *habitus* pode ser entendido, segundo Bourdieu (2004b), em simultâneo, como princípio geral da teoria da ação e como princípio específico, diferenciado e diferenciador, de orientação das ações de uma categoria particular de agentes e ligado a condições particulares de formação.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCqiD87j08pe5NYPZ-ncZw2w>. Acesso em: 07 mar. 2021.

## Ritos e rituais

Martine Segalen (2005) observa que há uma utilização muito estendida dos termos “rito” e “ritual”. O uso e abuso disso poderia fazê-los perder toda sua efetiva semântica. Os meios de comunicação, que se misturam com a antropologia, a história e a sociologia, são os primeiros a fazer crer que todo comportamento repetitivo é um ritual. Se a simples repetição de comportamentos fosse suficiente, seria possível dizer que os animais têm comportamentos rituais. Assim, o caráter repetitivo de uma ação é uma condição necessária, mas não suficiente, para caracterizar um rito.

Como geralmente ocorre, ainda de acordo com Segalen (2005), propor uma definição preliminar leva a uma aporia. O problema com o rito, como com os conceitos fundamentais da antropologia no rescaldo do século XX, está no fato de que não existe definição reconhecida, canônica, fixa.

Uma das características fundamentais do rito é sua flexibilidade, sua capacidade para a polissemia, para adaptar-se à mudança social. Os diferentes autores que se ocupam do tema têm definido rito com base em seus campos de investigação prediletos. A conceituação dos rituais foi forjada no campo do religioso e, em seus primórdios na escola antropológica francesa ou inglesa, o rito, como o mito, passou a ser parte dos estudos das religiões. A multiplicação dos campos de estudo e a abertura da etnologia nas sociedades modernas orientaram o rito em direção a aspectos mais profanos e, às vezes, menos coletivos. Neste sentido, talvez se possa falar de atitudes rituais, na medida em que implicam uma interação (SEGALLEN, 2005).

Segundo Nassar e Farias (informação verbal)<sup>5</sup>:

Os rituais são narrativas construídas por meio de elementos simbólicos (corporais, orais ou não orais) que são marcados pela repetição e pela intenção retórica. Nesse primeiro enquadramento conceitual pode-se falar em narrativas da experiência. Estão presentes nas memórias de todas as culturas, como processos de identificação e afirmação dessas culturas e de seus integrantes. Nesse segundo enquadramento pode-se falar em memórias rituais. Essas narrativas rituais e da experiência – marcadas na memória humana – podem se caracterizar como sagradas ou profanas.

---

<sup>5</sup> Informação obtida na disciplina “Memórias rituais, narrativas da experiência”, ministrada pelo Prof. Dr. Paulo Nassar e pelo Prof. Dr. Luiz Alberto de Farias, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) de agosto a dezembro de 2018.

Por sua vez, Segalen (2005) destaca que, como conjuntos especialmente institucionalizados ou efervescentes (tanto se são aplicados a situações de adesão comum como se servem de reguladores de conflitos interpessoais), os ritos sempre devem ser considerados um agrupamento de condutas individuais ou coletivas relativamente codificadas, com um suporte corporal (verbal, gestual, de postura), de caráter repetitivo, com forte carga simbólica para os atores e as testemunhas. Já o ritual é reconhecido por ser fruto de uma aprendizagem, implicando, portanto, na continuidade de gerações, dos grupos etários ou sociais em que ocorre.

Para Pierre Bourdieu (2008), um dos efeitos essenciais do rito é o de separar aqueles que já passaram por ele daqueles que ainda não o fizeram. Com isso, o rito institui uma diferença duradoura entre os que foram e os que não foram afetados por ele.

Há vários tipos de ritos, sendo um deles o de instituição. O ato de instituição, ainda de acordo com o autor, é o ato de comunicação de uma espécie particular: ele “notifica” a alguém a respeito de sua identidade, quer no sentido de que a impõe e exprime perante todos, quer comunicando, com autoridade, o que esse alguém é e o que deve ser. É por intermédio do efeito de atribuição estatutária que o ritual de instituição produz seus efeitos mais “reais”, já que aquele que é instituído sente-se intimado a ser de acordo com sua definição, à altura de sua função. Outro papel do ato de instituição é o de desencorajar, duradouramente, a tentação da passagem, da deserção, da demissão, da transgressão.

Atos tão diferentes como a circuncisão, o casamento, a nomeação para cargos ou a colação de grau, por exemplo, obtêm êxito, segundo Bourdieu (2008), no caso de a instituição (no sentido ativo de um ato que tende a instituir alguém ou alguma coisa desta ou daquela propriedade, deste ou daquele estatuto) constituir um ato de instituição em um outro sentido, um ato assegurado por uma instituição reconhecida ou por todo o grupo. Dessa maneira, quando praticado por um agente singular, devidamente autorizado a realizá-lo por meio de formas reconhecidas (de acordo com as convenções consideradas convenientes no que se refere a lugar, instrumentos etc.), fazendo com que o conjunto forme o ritual adequado (socialmente válido e, por isso, eficiente), tal ato encontra seu fundamento na crença de todo um grupo (que pode ou não estar fisicamente presente).

## Divulgadores(as) científicos(as) e vlogs

O grupo do SVBR é composto por cientistas<sup>6</sup>, pertencentes ao campo científico, ou pessoas que, por terem sido admitidas com seus canais do YouTube nesta iniciativa, de certa maneira, estão afeitas às normas e aos princípios deste campo.

O requisito de admissão ao campo científico é a competência, o capital científico incorporado (espécie particular de capital simbólico), o qual se tornou o sentido do jogo, como também a apetência (*a libido científica*, *a illusio*), crença no que está em jogo e no próprio jogo, no fato de que ele vale a pena ser jogado. A competência e a apetência, como produtos da educação, estão estatisticamente conectadas, visto que se formam correlativamente (BOURDIEU, 2004b).

Podemos dizer que o grupo que forma o Science Vlogs Brasil (cientistas e não cientistas) é composto, em sua maioria, por divulgadores(as) científicos(as), os(as) quais têm distintos níveis de formação, isto é, são desde graduandos(as) até professores(as) universitários(as), que produzem conteúdos sobre diversas áreas do conhecimento para seus canais, como a física, a biologia e a arqueologia, visando a divulgação científica. A DC não é o mesmo que o jornalismo científico (JC), sendo essas atividades distintas, com finalidades diferentes. O jornalismo, segundo Escobar (2018, p. 34), “[...] só se importa com aquilo que é inédito, enquanto a divulgação pode tratar de qualquer assunto, a qualquer hora e em qualquer lugar”.

É de se notar que, conforme elucidam Moreira e Massarani (2002), a primeira manifestação mais consistente de atividade de divulgação científica no Brasil ocorreu no início do século XIX, sendo derivada de uma razão política imperativa. Com a chegada da Corte Portuguesa, foi suspensa a proibição de imprimir, os portos foram abertos e, pouco tempo depois, surgiram as primeiras instituições de ensino superior ou com algum interesse relacionado à ciência e às técnicas, como a Academia Real Militar (1810) e o Museu Nacional (1818).

---

<sup>6</sup> Um cientista é a materialização de um campo científico e suas estruturas cognitivas são homólogas à estrutura do campo e, assim, são constantemente ajustadas às expectativas inscritas em tal campo. Os princípios e as normas, que determinam o comportamento do cientista, só existem enquanto instâncias eficientes, capazes de orientar as práticas dos cientistas no sentido da conformidade às exigências de cientificidade, uma vez que são entendidos por cientistas familiarizados com eles. Isso torna os cientistas capazes de perceber e apreciar tais princípios e normas e, ao mesmo tempo, aptos e dispostos a cumpri-los (BOURDIEU, 2004b).

Contudo, por anos a fio, a ciência foi abordada para o público em geral no Brasil quase que exclusivamente pelo jornalismo científico em seus variados suportes (impresso, rádio e televisão). Com o advento da internet, no fim do século XX, e sua disseminação, a divulgação científica começou a ganhar mais espaço, por exemplo, com o surgimento de vlogs (abreviação para vídeo blogs), especialmente como tipo de canal no YouTube<sup>7</sup>.

Um vlog é composto, conforme indica De Piero (2012), pela saudação, a apresentação e o desenvolvimento do tema, a conclusão e a despedida. Além disso, integram-se a ele o título e a descrição escrita. Ele ainda se enriquece com os comentários dos usuários que assistem ao vídeo.

Já Oliveira (2015, p. 49) diz que, no vlog, é central a posição do corpo do vlogueiro<sup>8</sup> na imagem do vídeo: “O enquadramento remete à memória do retrato e de uma foto de um documento de identidade, ou seja, os traços do corpo diferenciais/distintivos que possibilitam a identificação de uma pessoa em comparação com outra”. Também podem ser considerados vlogs os vídeos em que o(as) apresentador(a) aparece quase ou de corpo inteiro.

Existem diferentes produtos em um canal de um vlogger, como entrevistas e conversas, mas há vlogs que não possuem elementos que geralmente são seus constitutivos, por exemplo, o quarto como cenário (CALDAS, 2018). Neste sentido, Burgess e Green (2009) explicam que há inovações no protótipo básico de entrada de vlogs (uma câmera, um rosto em close e um pouco de edição) geradas pelos próprios usuários, as quais podem se recombinar e se fundir para criar convenções genéricas e possibilidades de expressão.

No caso do Science Vlogs Brasil, é necessário ressaltar que, apesar de, como seu próprio nome revela, ele ter como foco vlogs de DC do país, com o intuito de promover a divulgação científica de qualidade e atestar um selo de qualidade a eles, nem todos os canais são deste tipo. Alguns deles, por exemplo, são de conteúdos audiovisuais de cunho educativo voltados para vestibulandos(as).

---

<sup>7</sup> Foi criado nos Estados Unidos em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, e comprado pelo Google em 2006. Desde sua origem, conforme explicam Burgess e Green (2009), ele atrai milhares de internautas por permitir o compartilhamento de vídeos, incluindo conteúdo comum e amador, produzido por qualquer pessoa.

<sup>8</sup> Vlogger, vlogueiro(a) e youtuber são termos igualmente utilizados, neste trabalho, para se referir aos(as) produtores(as) de conteúdo em um vlog.

### Corpus de análise e metodologia

Para a análise dos ritos de instituição do SVBR foram selecionados para o recorte do *corpus* três dos 11 vídeos que abordam diretamente esta iniciativa pelos(as) membros(as) dela produzidos em março de 2016 e com maior número de visualizações em julho de 2019, mês em que foi feita esta seleção. Esses conteúdos audiovisuais estavam listados na playlist “Vídeos de Divulgação do Science Vlogs Brasil”, no canal do YouTube do SVBR, a qual deixou de existir um tempo depois da coleta de dados.

Os vídeos escolhidos são:

- “Seja bem-vindo ao SCIENCEVLOGS Brasil!”, do Science Vlogs Brasil, com cerca de 100 000 visualizações;
- “Pela união dos seus poderes... #SVBR #sciencevlogsbrasil #Pirula 134”, do Canal do Pirula<sup>9</sup>, com, aproximadamente, 80 000 visualizações;
- “Conheça o Science Vlogs Brasil #SVBr | Peixe Babel 65”, do Peixe Babel, tendo por volta de 9 000 visualizações.

Na análise empreendida nesta pesquisa, cada um dos vídeos que compõe o *corpus* é considerado de forma autônoma, como sendo uma narrativa audiovisual composta por ritos de instituição do Science Vlogs Brasil.

Segundo Mayra Rodrigues Gomes (2015, p. 37-38), em uma narrativa:

[...] temos uma articulação básica, cuja terminologia varia conforme os diversos pensadores que a ela se dedicam como objeto de estudo, embora permaneçam em acordo quanto à sua compreensão geral. Trata-se de um roteiro que parte da apresentação de uma situação inicial, segue com a ruptura de tal situação em direção a um desfecho, ou resolução, que deve dar uma resposta à recuperação de condições ou à superação das vicissitudes advindas da ruptura. No desenho desses eixos, temos o cerne da narrativa, ou seja, o desenvolvimento ou trajeto temporal, história ou enredo, desenrolar do percurso com o qual se chega ao desfecho. Além dessa articulação básica, devemos levar em conta que uma narrativa tem um narrador e um ouvinte, ambos como

---

<sup>9</sup> Tuma (2021, p. 7) conta que, em 2019, o Canal do Pirula passou a ser Canal do Pirulla, com dois “1”: “Tal mudança ocorreu, de acordo com Pirula, porque percebeu que os comentários dele não apareciam em outros canais, sendo censurados pelo YouTube por causa da palavra ‘Pirula’, que, em outros países, tem uma conotação pejorativa (no Peru, por exemplo, significa ‘perua’). Para tentar evitar isso, ele fez a alteração mencionada”. Contudo, como esta pesquisa analisa um vídeo de 2016, optou-se por manter a grafia desta época.

lugares que determinam sentidos, direcionam perspectivas e contornos do relato e do caso relatado.

Narrativas audiovisuais são compostas por duas partes: a verbal e a não verbal. A primeira delas refere-se ao texto oral ou escrito. Já a parte não verbal diz respeito a todo o resto que pode vir a constituir um conteúdo audiovisual, como as imagens e trilhas sonoras.

Neste artigo, o desenrolar das narrativas audiovisuais dos ritos de instituição do SVBR é investigado tanto verbal quanto não verbalmente com base na noção de narrativa de Gomes (2015) aliada à metodologia visual crítica (*critical visual methodology*) de Rose (2016).

Em suma, Gillian Rose (2016) afirma que é importante considerar as imagens visuais com cuidado e ser crítico em relação a elas. Por crítica, a autora se refere a uma abordagem que pensa o visual em termos de significado cultural, práticas sociais e relações de poder nas quais ele está inserido.

Para abordar a riqueza e a complexidade de significados em uma imagem visual, Rose (2016) sugere que se faça uma lista de questões. Duas perguntas bastam aqui para isso: 1) O que mostra a imagem?; e 2) Que função esta imagem tem na narrativa audiovisual?

## **A análise**

Com cerca de 70 000 inscritos em janeiro de 2023, o SVBR possui um canal no YouTube que abarca, entre outras, determinadas produções dos canais participantes do selo. Seu primeiro vídeo é o “Seja bem-vindo ao SCIENCEVLOGS Brasil!” (Figura 1), já não mais disponível na internet e que faz parte deste *corpus* de análise:

Figura 1: Trecho do vídeo do Science Vlogs Brasil



Fonte: Seja... (2016).

A narrativa audiovisual de um minuto e quarenta segundos de duração marca a instituição do Science Vlogs Brasil em março de 2016. Ela se inicia mostrando somente as imagens dos(as) divulgadores(as) científicos(as) que fazem parte desta iniciativa, como se cada um(a) estivesse gravando um vídeo (vide a Figura 1 acima), tendo a função de apresentá-los(as) aos(às) internautas. Há também uma trilha sonora vibrante de fundo que acompanha todo o conteúdo audiovisual, o que gera um clima alegre, de comemoração.

Após uma claquete feita por um dos divulgadores científicos com a finalidade de avisar que, de fato, agora o vídeo começaria, os(as) participantes *do* SVBR, olhando diretamente para a câmera como se estivessem conversando com os(as) internautas, se intercalam nas frases de apresentação desta iniciativa acompanhados da marca de seus canais, reforçando sua existência. O Science Vlogs Brasil é mostrado como sendo um lugar para se aprender de forma divertida, com credibilidade e responsabilidade, produzido por quem é ligado em ciência. Portanto, afirma-se que ele é um selo de qualidade para divulgadores(as) científicos(as).

O desfecho da narrativa audiovisual se dá com o convite para que os(as) internautas que desejam consumir o tipo de conteúdo oferecido pelo SVBR conheçam os canais, se inscrevam neles e façam comentários nos vídeos. Dessa maneira, ajudam esta iniciativa a crescer. Os últimos segundos desta narrativa são focados na marca do Science Vlogs Brasil, o selo de qualidade que é dado aos canais de DC selecionados, junto com as marcas de tais canais com a função de enfatizá-los para quem a assiste.

Por sua vez, no vídeo “Pela união dos seus poderes... #SVBR #sciencevlogsbrasil #Pirula 134”, do Canal do Pirula (Figura 2), também há o foco narrativo na instituição

do SVBR. Este canal é produzido pelo biólogo, mestre e doutor em Zoologia Paulo Miranda Nascimento, mais conhecido como Pirula. Ele é um dos mais antigos (desde 2011 continuamente na ativa) e com maior número de inscritos (mais de 1 milhão em janeiro de 2023) do Science Vlogs Brasil. Nele, Pirula concentra-se em fazer divulgação científica especialmente dos assuntos relacionados às Ciências da Vida<sup>10</sup>.

Figura 2: Trecho do vídeo do Canal do Pirula



Fonte: Pela... (2016).

O início desta narrativa audiovisual, a qual tem duração de quase quatro minutos, é com Pirula falando que vai dar um recado sobre uma novidade: o Science Vlogs Brasil, que é a união de diversos canais que abordam temas científicos para juntar forças para reduzir a onda de anticiência e de “bobagens” na internet, o que se entende aqui como conteúdos falsos. O vídeo inteiro mostra Pirula olhando diretamente para a câmera, como se estivesse conversando com os(as) internautas, tendo a presença do selo de qualidade do SVBR e da marca de seu canal do lado direito da tela com a finalidade de reforçar a ideia da existência de tal iniciativa e da presença de seu vlog nela.

Durante o vídeo, Pirula explica detalhes do SVBR, como, no início, o canal do Science Vlogs Brasil contar apenas com playlists dos canais selecionados e que, no futuro, mais deles serão convidados a participar se a iniciativa der certo. Além disso, ele afirma que a Numinalabs, empresa que gerenciava à época o Science Vlogs Brasil, também faz o mesmo com o Science Blogs Brasil, sendo seletiva em ambos os meios de comunicação

---

<sup>10</sup> De acordo com os três colégios estabelecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, 2019). Os demais são as Humanidades e as Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar.

para que tenham conteúdo científico idôneo. Como o Canal do Pirula tem o selo do SVBR, isso significa que ele possui conteúdo confiável.

O fim da narrativa audiovisual mostra o divulgador científico dizendo que disponibilizou na descrição dela no YouTube, para os(as) internautas, link do site do SVBR com a lista de todos os canais integrantes deste em março de 2016 e do vídeo produzido pelo próprio Science Vlogs Brasil, o qual é analisado neste artigo. Pirula avisa a eles(as) que, em breve, existirão novidades e os(as) convida a conhecer os demais canais que possuem também este selo de qualidade.

Já o vlog Peixe Babel (mais de 87 000 inscritos(as) em janeiro de 2023), criado em 2014 e que em 2016 era apenas de Camila Laranjeira<sup>11</sup>, à época mestranda em Ciências da Computação, tem como objetivo principal divulgar assuntos relacionados às Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar. No vídeo “Conheça o Science Vlogs Brasil #SVBr | Peixe Babel 65” (Figura 3), Camila fala aos(as) internautas sobre a instituição do SVBR.

Figura 3: Trecho do vídeo do Peixe Babel



Fonte: Conheça... (2016).

O começo desta narrativa audiovisual, de três minutos e meio de duração, mostra Camila dizendo que gravou um vídeo fora de época (isto é, não na segunda-feira, dia em que costumava postar novos conteúdos audiovisuais) para falar sobre uma nova iniciativa, lançada no dia anterior (3 de março de 2016) e que, na opinião dela, revolucionará o YouTube: o Science Vlogs Brasil. Ela destaca que o SVBR surgiu para combater

<sup>11</sup> Em 2018, a doutora em Ciências da Computação, Virginia Fernandes Mota, começou a integrar este vlog.

especialmente notícias falsas. Observa-se que o vídeo todo da divulgadora científica é com ela olhando diretamente para a câmera, como se estivesse em uma conversa com os(as) internautas, e conta com a presença do selo de qualidade do SVBR do lado esquerdo da tela e da marca de seu vlog no direito, o que reforça a ligação entre ambos, e com uma trilha sonora vibrante de fundo, que gera um clima de alegria no vídeo.

No decorrer da narrativa audiovisual, Camila explica em detalhes o que é o SVBR, um selo de qualidade para validar conteúdo científico que tenha credibilidade e exercite o senso crítico dos internautas. Ela fala sobre o vídeo produzido pelo Science Vlogs Brasil e que, no futuro, mais vlogs de ciência receberão esse selo e farão parte desta iniciativa.

Por fim, no encerramento do vídeo, a divulgadora científica afirma que, inicialmente, o SVBR tem apenas playlists dos vlogs com o selo e que virão novidades. Camila também convida os(as) internautas a conhecerem mais sobre a iniciativa e seus canais de DC. Nos últimos segundos da narrativa audiovisual, o selo do SVBR aumenta de tamanho na tela e vai para o lado direito desta, ainda com a função de reforçar sua existência, e há a exibição do link de um vídeo que ela fez sobre notícias falsas com outro canal e o de apresentação do Science Vlogs Brasil, analisado nesta pesquisa, para que as pessoas possam conhecer mais sobre ele e a relevância de combater tal tipo de notícia. Também há os contatos do Peixe Babel e de Camila para que os(as) internautas possam segui-los em outras redes sociais digitais, como o Twitter.

Vale ressaltar que, neste artigo, todas as narrativas audiovisuais analisadas contam com os(as) divulgadores(as) científicos(as) vestindo roupas do dia a dia e, muitas vezes, o cenário da gravação é a casa deles(as), especialmente o quarto. Isso contribui para dar um clima informal ao vídeo.

### **Considerações finais**

O primeiro ponto a se considerar nas narrativas audiovisuais dos ritos de instituição mostrados nos três vídeos analisados é que quem os apresenta são pessoas autorizadas a fazer isso, isto é, os(as) divulgadores(as) científicos(as) do quadro inicial do Science Vlogs Brasil, o que é bem típico deste tipo de rito.

Para tanto, eles(as) criam narrativas audiovisuais curtas, com menos de quatro minutos de duração, e sempre olham diretamente para a câmera, como se estivessem em uma conversa com os(as) internautas, além de vários(as) deles(as) estarem em seus

quartos, sendo tais aspectos comuns em vlogs de uma maneira geral. Pode haver ou não música de fundo, ajudando a dar um clima alegre ao rito de instituição, e a roupa dos(as) divulgadores(as) científicos(as) é a do dia a dia, o que também contribui para gerar uma atmosfera informal no vídeo.

Durante as narrativas audiovisuais, a apresentação do SVBR é sempre feita como sendo essa uma iniciativa que traz conteúdo científico com credibilidade para as pessoas a partir do emprego contínuo de métodos da ciência, como a pesquisa de fontes reconhecidas, algo caro à comunidade científica. Com isso, há a ênfase, nas falas dos(as) divulgadores(as) científicos(as), na importância do selo de qualidade ofertado aos canais do Science Vlogs Brasil. Este selo, junto com a marca de tais canais, também aparece nas imagens, o que sempre tem a função de reforçar a ligação entre eles e ajuda as pessoas a reconhecerem-no em conteúdos audiovisuais na internet.

O fim das narrativas audiovisuais dos ritos de instituição é marcado pelo convite feito aos(as) internautas para que eles(as) conheçam mais a respeito do Science Vlogs Brasil e todos os canais que o integram, o que ajuda a aumentar o consumo e a identificação de conteúdos audiovisuais confiáveis com base em preceitos da ciência.

## Referências

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora Unesp, 2004a.

BOURDIEU, P. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004b.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BURGUESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a revolução digital**: Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CALDAS, F. G. **Se gostou, dá um like**: análise histórica e cultural do vlog no Brasil. 2018. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em:

[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7545258](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7545258). Acesso em: 22 ago. 2019.

CONHEÇA o Science Vlogs Brasil #SVBr | Peixe Babel 65. [S. l.], 04 mar. 2016. 1 vídeo (03min31s). YouTube: Peixe Babel. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=cCPW\\_9IFNbw&index=13&t=0s&list=PL7kjfSdlkcGtfq8Xb30bMuiT3upyLFI3h](https://www.youtube.com/watch?v=cCPW_9IFNbw&index=13&t=0s&list=PL7kjfSdlkcGtfq8Xb30bMuiT3upyLFI3h). Acesso em: 07 jul. 2019.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Sobre as áreas de avaliação**. Brasília. 2019. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>. Acesso em: 21 jan. 2020.

DE PIERO, J. L. El vlog como género discursivo: Algunos aportes para su definición. **Jornaleros: Estudios Literarios y Lingüísticos**. San Salvador de Jujuy: EdiUnju, 2012. p. 79-86.

ESCOBAR, H. Divulgação científica: faça agora ou cale-se para sempre. In: VOGT, C.; GOMES, M.; MUNIZ, R. (Org.). **ComCiência e divulgação científica**. Campinas: BCCL/UNICAMP, 2018. p. 31-35. Disponível em: [http://www.comciencia.br/wp-content/uploads/2018/07/livrocomciencia\\_cb.pdf](http://www.comciencia.br/wp-content/uploads/2018/07/livrocomciencia_cb.pdf). Acesso em: 03 nov. 2018.

GOMES, M. R. Constância das narrativas. **Leituras do jornalismo**, [S. l.], v. 2, n. 4, p.32-47, 2015. Disponível em: <http://www2.faac.unesp.br/ojs/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/75>. Acesso em: 07 nov. 2018.

LAGO, C. Pierre Bourdieu e algumas lições para o Campo da Comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, n. 34, p.728-744, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/58561>. Acesso em: 01 nov. 2018.

MOREIRA, I. C.; MASSARANI, L. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. (Org.). **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002. p. 43-64. Disponível em: [http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes\\_Educacao/PDFs/cienciaepublico.pdf](http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/cienciaepublico.pdf). Acesso em: 07 jan. 2019.

OLIVEIRA, G. A. **Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs**. 2015. 171 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268931>. Acesso em: 31 jul. 2019.

PELA união dos seus poderes... #SVBR #sciencevlogsbrasil #Pirula 134. [S. l.], 03 mar. 2016. 1 vídeo (03min51s). YouTube: Canal do Pirula. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S->

gMy0i5350&index=8&t=4s&list=PL7kjfSdlkcGtfq8Xb30bMuiT3upyLFI3h. Acesso em: 07 jul. 2019.

ROSE, G. **Visual methodologies**: an introduction to researching with visual materials. 4. ed. S. l.: SAGE, 2016.

SEGALEN, M. **Ritos y rituales contemporáneos**. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

SEJA bem-vindo ao SCIENCEVLOGS Brasil. [S. l.], 2016. 1 vídeo (01min40s). YouTube: Science Vlogs Brasil.

TUMA, A. B. C. Divulgação Científica no YouTube: Trajetórias de Cinco Canais do Science Vlogs Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, [Salvador]. In: **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2021. p. 1-15.